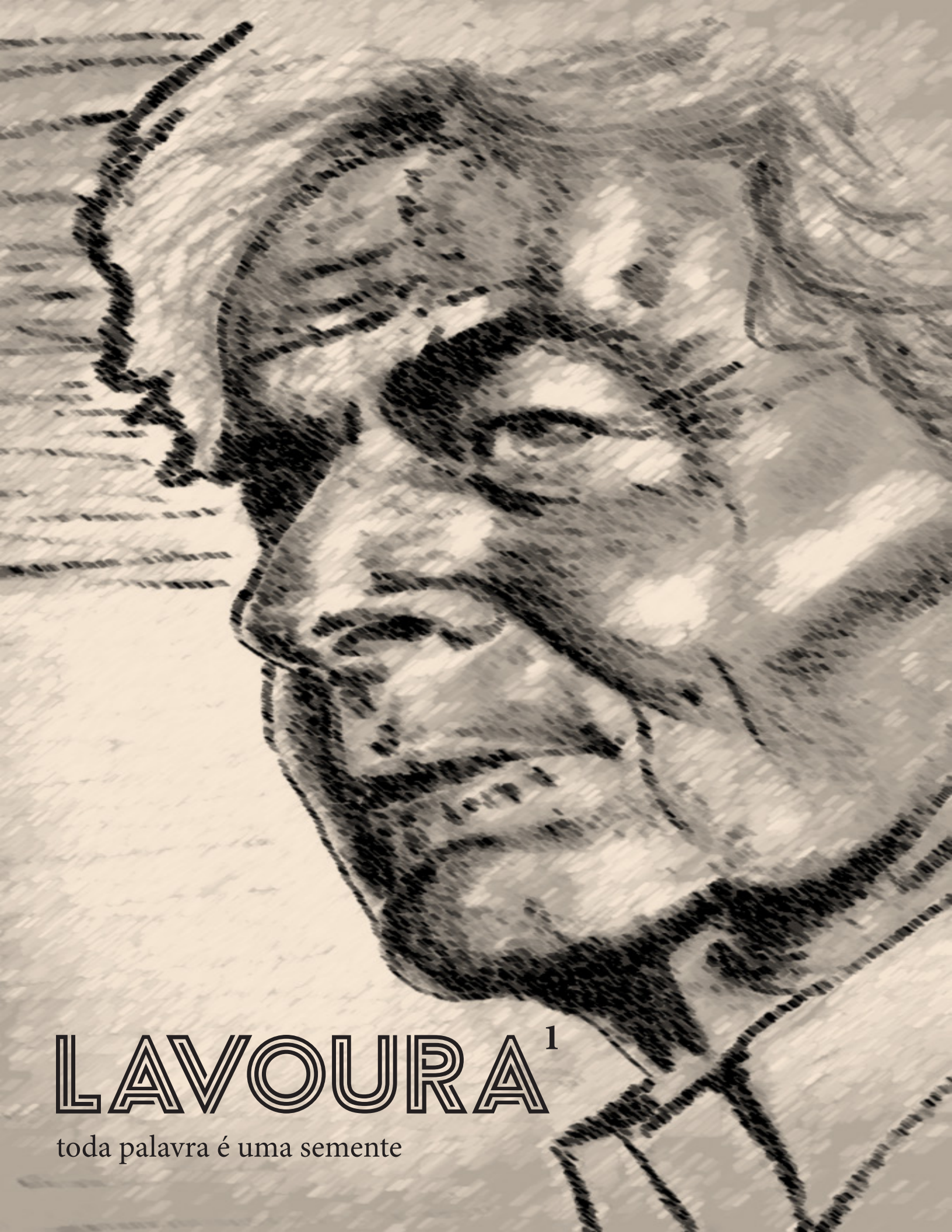


LAVOURA[1]

toda palavra é uma semente

Papéis Avulsos

Dois microcontos - Fernanda Arellano 5
Criptografia - Giuliana V.A. Bernardini 6
Fragmentos - Lucas Verzola 7
Trecho do romance “Oito do sete” - Cristina Judar 8

Máquina do Mundo

Poemas 10

Parangolé

Fotografias e desenhos 14

Perfil

Raduan Nassar: uma tragédia contemporânea 22

Heróis sem nenhum caráter

Entre realidades ficcionais e ficções absurdas: o novo livro de Ricardo Lisías existe 26

Cartas de Passárgada

A sensibilidade como obrigação social em Lourenço Mutarelli 28

Terra em transe

La La Land & Eu, Daniel Blake 30

Casa Forte

Dez registros para dez décadas de samba 32

Macbeto

O escritor-não-publicado - André Balbo 34

Editorial

Em tempos em que a divulgação de obras e opiniões foi muito facilitada e em que emergem semanalmente novos veículos de comunicação, é necessária a fundação de mais uma revista literária e artística? Responder a essa pergunta sem cair na arapuca armada por nós mesmos não é tarefa trivial. E entender a questão passa pela compreensão de que, ao mesmo tempo em que o surgimento de novas tecnologias permitiu um acesso mais amplo à cultura – o que é louvável – também criou distorções e gerou uma democratização ilusória. Por mais paradoxal que pareça, funda-se mais uma revista porque fundam-se cada vez mais revistas.

Não se discutem os benefícios trazidos pelas novas tecnologias, seja na feitura, na edição ou na divulgação de novas obras. Nunca se teve acesso a tantas produções com tanta facilidade, entretanto nunca houve tanto ruído. Como falar em democratização real se, neste cenário tão congestionado, muitas vezes destacam-se as mesmas obras que estariam em evidência antes da revolução tecnológica?

A guerra de guerrilha praticada pela cena artística independente é fundamental para a profusão de novas ideias, mas, ainda assim, não parece dar conta de romper com a lógica mercadológica de grandes grupos. Pior: emula as mesmas estratégias, erguendo-se muros e barreiras entre artistas que não fazem parte da mesma confraria. O diálogo é raro. A troca é escassa. Mas – comemoremos! – nunca se produziu tanta arte quanto hoje.

Outro fenômeno do meio artístico contemporâneo é a aversão a crivos críticos. Se é bem verdade que se admitiu que os tradicionais filtros editoriais e de curadoria não mais dão conta de contemplar muitos dos bons trabalhos, seja por elitismo, seja por não integrarem a lógica de rentabilidade financeira, também se deve reconhecer que romper a priori com qualquer escrutínio equivale a abandonar a própria concepção da arte, que, sendo ofício, pode ser sempre desenvolvida pelo aprimoramento técnico.

Diante dessa perspectiva, concebemos um projeto editorial alicerçado em duas frentes: (I) produção artística inédita e (II) produção crítica, jornalística e ensaística. Na primeira, abrimos a Lavoura para pinturas & desenhos e originais de literatura, mas o material só é publicado após ser amplamente discutido com o autor. O filtro existe, mas a equipe editorial atua para facilitar a passagem do trabalho desenvolvido. Não acreditamos na crítica pela crítica, contudo, pautados em parâmetros técnicos, pretendemos ajudar na transformação do material bruto.

Já a segunda pretende dar conta da repercussão de produção artística contemporânea, sobretudo nos campos da literatura, cinema e música. Trata-se do escrutínio a posteriori, que oferece ao artista a recepção crítica de sua obra, desenvolvendo discussões e provocando o meio artístico.

O conselho editorial é formado em sua totalidade por artistas oriundos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, ambiente em que seus membros se conheceram, e não é aleatória a escolha da Lavoura por dar por lá seus primeiros passos. Pauta-se, ao contrário, na necessidade de preencher um vácuo na produção editorial de ponta na faculdade e da construção de pontes entre o ambiente acadêmico e a sociedade.

Somos uma miscelânea formada por autores já publicados, a serem publicados e entusiastas da cultura. Antecederam-nos nobres artistas, como Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, Irmãos Campos, Décio Pignatári, Castro Alves e Raduan Nassar, cuja obra máxima nos emprestou o título para se nomear esta revista. Celebramos seu legado e compreendemos a necessidade de renová-lo e, para tanto, acreditamos na construção do diálogo com os grupos produtores de arte no Brasil. Pretendemos, através do nosso trabalho editorial, efetivar o acesso verdadeiramente democrático e igualitário à produção cultural e artística brasileira contemporânea, em todas as suas formas e vozes. Vozes que sejam ouvidas.

AÇÃO ENTRE AMIGOS
PARA QUEM SE RECONHECER

dois ou três poemas
– medíocres –
montam revista

são donos do mundo:
– abrimos as portas!

seus amigos
batem palmas

lá fora
ninguém ouve
seus vivas
ninguém os lê

lá fora
é só tiro
só desgraça
raiva e vaia

mas
dois ou três poetas
– medíocres –
batem palmas

seus amigos
são donos do mundo
montam revista

batem-se palmas...
batem-se palmas...
batem-se palmas...

Frederico Barbosa

Dois microcontos

na ipiranga há um niemeyer pr'além do copan. nesse filho bastardo alugam-se quitinetes por temporada e sem fiador. um entra-e-sai: mulheres tomara-que-caia e shortinhos, um clac clac interminável dos chinelos gastos, as crianças penduradas nos braços. faz calor o ano inteiro. no quarto-e-sala 1002, como em muitos, moram 4 pretos: africanos de um dialeto indecifrável por esse lado da parede. são quase azuis, os dentes brancos de marfim. devem ser reis. 4 eddie murphys vendendo badulaques na praça da república: fones de ouvido, óculos de sol, relógios de ouro, carregadores portáteis de celulares que não fazem ligações pr'além mar. devem ser deuses. 4 xangôs das túnicas coloridas: velas acesas no canto da sala quando cai a noite. são mulambos de kêto ou nagô. uma nação qualquer invisível. uma mulher grita. uma porta bate. os tambores pra sempre mudos d'outro lado da parede.

*

a menina. o nariz no asfalto. o tatu-bolinha nos dedos. o umbigo no asfalto, a camiseta do uniforme é curta. os olhinhos vesgos por debaixo dos óculos. tão bonitinhos os tatus-bolinhas. chegarão logo: os meninos: os dedos em riste. petelecos nos tatuzinhos. será que rolam ou voam ou fogem? os meninos: as calças já curtas para tatus-bolinhas. as calças já curtas: meninos!

Fernanda Arellano, 27: minha cachimba tem mironga, minha cachimba tem dendê. quem duvida da minha cachimba, que venha ver, que venha ver.

Criptografia

Giuliana V.A. Bernardini

Quando o farol de pedestres deu a largada , lembrou da existência da maldita sandália. As várias tiras vermelhas listravam os pés brancos e agarravam um saltinho barulhento. O fecho havia estourado pela manhã e o remendo com a fita crepe já não resolvia. Era um total de sete bolhas esculpidas ao longo da tarde. Do dedo anelar do pé esquerdo pus que azedado pelo sangue irrigava a caminhada. Dedos anelares dos pés. São ainda mais inúteis que os indicadores.

Apoiou o final das costas nuas no parapeito da janela, equilibrando-se nos cotovelos. Aquela beirada era o precipício mais sujo que conhecia, filtro de poeira da cidade e berço de cinzas de cigarro. Primeiro olhou o teto, depois virou tanto a cabeça para trás que os prédios escorreram para baixo da linha do horizonte. A garganta sufocada pela vertigem e a cintura segura pela parede fria. Ouviu o celular se debatendo contra a mesa de madeira.

Queria andar mais rápido e o pé virava. Desviava das poças de água imundas, assim como faria se encontrasse alguém. A rua não estava vazia. Na calçada oposta, um poste de luz projetava a sombra fiel e intermitente de um cachorro. Num quinto andar, um casal brigava, gritando cada um consigo mesmo. Uma barata surrupiava o resto de dignidade da escadaria da igreja

Alô. Apoiou os cotovelos marcados de novo na trincheira. Sim, já jantei. Mentiu. Não precisa me esperar, não. Virou de frente para a janela e viu o semáforo fechar ao longe. Não, não demoro. Uma das mãos na cintura em brasa, a outra no celular. Comi pizza. Os pedestres pareciam tão insignificantes. Portuguesa. Pequenos e desacelerados.

Precisava chegar logo, mas as feridas ardiam. Enfiou a mão na bolsa e confirmou que o celular, o dinheiro e a aliança ainda estavam lá. A noite sorvia o soro de sal e açúcar de suas costas, fazendo o trabalho de um vento longo que a arrastaria para trás. "Correr para atravessar a rua é coisa de paulistana" ele tinha assobiado. Alcançou o próximo quarteirão em meio a um ronco-de-barriga, teria que comer escondida para que não descobrisse o jejum. Tirou o suor da testa e sentiu na mão o cheiro do quarto.

Foi até o cinzeiro e despertou o cigarro alheio, deixando a fumaça impregnar aos poucos nos dedos. Voltou para a janela e olhava a rua miúda quando sentiu o hálito migrante deitar mais uma vez em seu pescoço. Teve certeza de que os sexos teimariam em se separar. Sucumbiu ao peito ligeiramente áspero, sentiu primeiro a temperatura da parede, depois do chão.

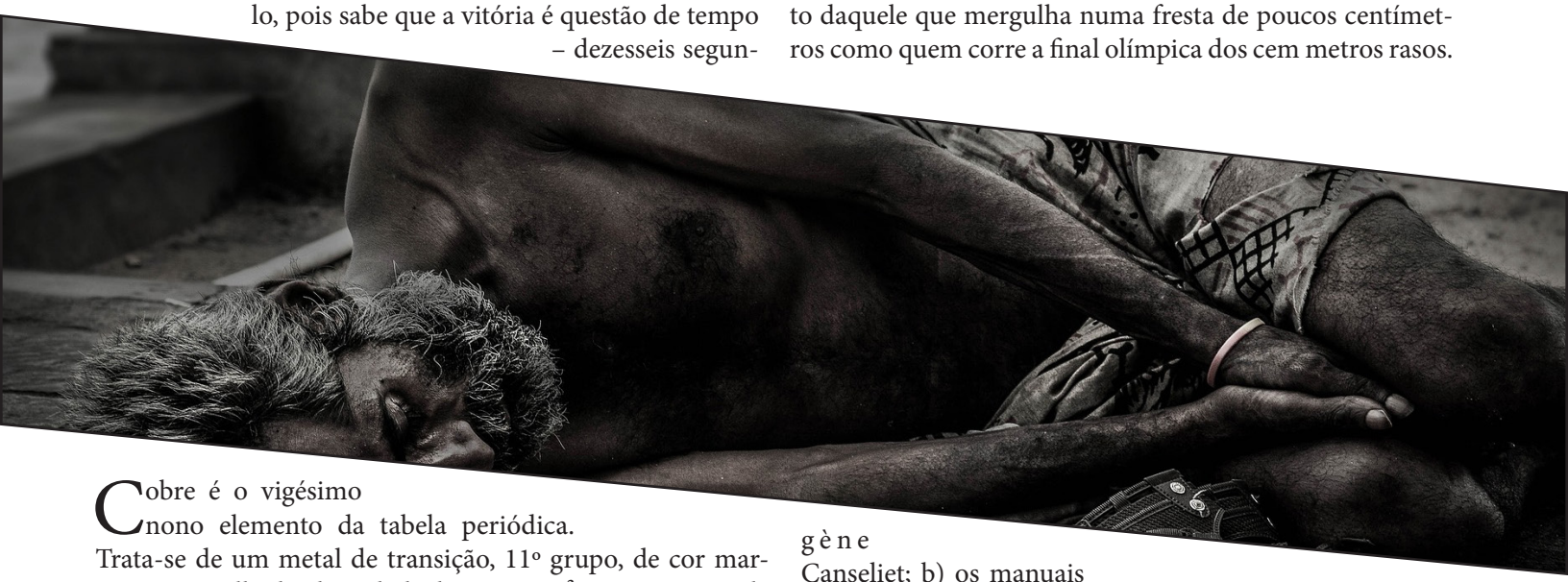
Doía, como doía. A sandália puxava-a de volta para a avenida, para a esquina, para o parapeito. Resolveu arrancar o sapato. Um pé na ponta e outro no salto, estalando. Agora o que irritava eram as ranhuras da calçada. A sola deixava de distinguir o suor, a umidade da rua e o pus. Chegaria imunda em casa. Pulou para o asfalto e ali a sujeira parecia ainda maior. Contava as gotas escorrendo pelo colo, previa a vermelhidão dos semáforos, mas se perdia na expressão que há pouco estava entre suas pernas.

O tabaco rolou pelo assoalho e os gritos afogaram na vontade suspensa no ar quente. Seu sexo pulsava, a pele eriçava entre ardências e tremores. Era uma dança enredada, ao som de sutiã rompido, buzinas distantes e costelas estalando. E a janela permanecia escancarada, gargalhando da discrição da altura do parapeito.

A construção no último quarteirão antes de sua casa vertera a calçada em pedrinhas. O pé esquerdo, escurecido, pisava o mais rápido que conseguia, temendo um pedaço de vidro camuflado. Um furo seria o perfeito desenredo daquela penitência. O taxista da esquina perguntou se queria ajuda. Agradeceu, já estava a alguns passos do seu destino. Colocou o sapato remendado e chamou o elevador.

Fragmentos

Exatamente vinte e três segundos. Além dos trinta e um degraus, são, em média, cinquenta e sete galopadas, quatro saracoteios e duas boas desviadas de tardívagos, tudo executado com exatidão. Desde que encosta o bilhete único na catraca, leva exatos vinte e três segundos para chegar à plataforma ou, com sorte, entrar num trem que o aguarda. Ganha mesmo na loteria quando supera todo o percurso e as portas se fecham no instante em que bota os pés dentro do vagão. Isso acontece quando, ao girar a roleta, ouve a frenagem da composição a indicar que o trem já chegou à estação, mas ainda não está totalmente parado. Nesses dias, bota carvão na caldeira e aperta o passo, mas o faz tranquilo, pois sabe que a vitória é questão de tempo – dezesseis segundos. Poucas sensações o fazem escancarar o sorriso como quando sente na nuca o bafo quente resultado do choque entre as borrachas. Não se deve confundir tal consagração com uma atitude mesquinha, muito mais comum, cujo resultado é idêntico: o impedimento do fechamento das portas, o qual privilegia a força bruta à agilidade, à inteligência e ao cálculo. Esta última é protagonizada apenas por broncos, trapaceiros e desonestos, que pouco se importam em atrasar a viagem dos demais passageiros. São os mesmos sujeitos que furam fila de restaurantes self-service, estacionam em fila dupla e pegam senhas preferenciais em agências bancárias. Seus adeptos são os únicos capazes de tirar o sorriso do rosto daquele que mergulha numa fresta de poucos centímetros como quem corre a final olímpica dos cem metros rasos.



Cobre é o vigésimo nono elemento da tabela periódica. Trata-se de um metal de transição, 11º grupo, de cor marrom-avermelhada, densidade de 8,92g/cm³, peso atômico de 63,546 u, temperatura de fusão equivalente a 13577,77K, ponto de ebulição aos 3200K, extremamente dúctil e maleável. É um dos nossos melhores condutores de eletricidade, o que explica a sua vocação primordial como fio de aparelhos eletrônicos e circuitos prediais. Quando unido ao zinco ou ao estanho, forma, respectivamente as ligas conhecidas como latão e bronze. Exposto ao ar livre, reveste-se de uma camada verde conhecida como azinhavre, produto da oxidação do elemento, como explicado pela fórmula $2Cu(s) + O2(g) + H2O(g) + CO2(g) \rightarrow Cu2(OH)2CO3(s)$. Mais do que sua utilidade no campo tecnológico, o cobre é fundamental para o conhecimento alquímico, de relevância maior. Segundo Utéza, pode-se dividir a literatura sobre uso do cobre em quatro categorias principais: a) o corpus alquímico tradicional, que é formado pelos escritos clássicos dos realizadores d'A Pedra Filosofal, como a Tábua de Esmeraldas, Les Mystères des Cathédrales, Les Demeures Philosophares e pela obra de Engène Canseliet; b) os manuais de transmutação metálica; c) as bulas e espagirias e farmacêuticas; e d) as obras literárias e filosóficas inspiradas pela gnose alquímica. A gênese da síntese do cobre remete à Anatólia de quatro mil anos atrás. Os povos hititas e frígios realizavam experiências com o metal na Babilônia e a tradição aponta no sentido de que o obtiveram na forma pura através do que mais tarde a ciência descreveria como o decaimento do gálio.

Lucas Verzola, 28, é autor de São Paulo Depois de Horas (Patuá, 2014, finalista do Prêmio SESC de Literatura) e de Em Conflito com a Lei (Reformatório, 2016, com apoio do ProAC – Governo do Estado de São Paulo). Os dois inéditos aqui presentes fazem parte de um de seus projetos em andamento.

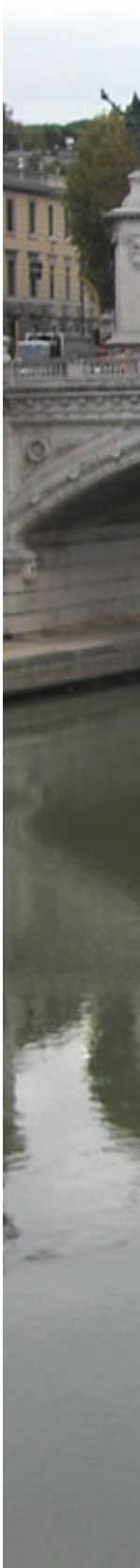
7

Trecho do romance "Oito do sete"

Aquilo que se diz em inglês sobre se colocar no lugar do outro, put yourself in someone's shoes, deveria fazer referência ao intestino. Colocar-se no intestino do outro, aí sim, um exercício de humildade e compaixão. O intestino é um baixo coração. O que é abjeto para o mais nobre dos músculos desce e encontra o seu lugar ali, nas vias sinuosas, onde a alquimia rarefeita de utilidades e inutilidades trabalha incansavelmente. As portas do intestino estão sempre abertas. Ele é um espaço democrático, talvez o mais democrático do nosso corpo. Livre e desimpedido, um celeiro de diferenças. O intestino é a prova concreta de que ao alto coração falta conteúdo. O alto coração só quer saber de sanguinho, delicadezas ou sofreres enobrecedores. Ele se recusa a se misturar.

Tive uma epifania logo depois de comer Rigatoni alla Pajata pela primeira vez. O prato mais antigo de Roma. Massa com molho de intestino de vitelo, cordeiro ou cabrito recém-nascido. Animal que em toda a sua curta vida bebeu só o leite da mãe. E que depois de morto é mergulhado no leite, do qual ele ressurge purificado. Apenas para que seu intestino seja usado em um molho para pasta. Se não houvesse o intestino, não haveria graça, não haveria receita, não haveria Donanna e nem mesmo Roma. Rigatoni alla Pajata é um dos pilares desta cidade. Sustenta séculos de tradição. Une famílias ancestrais, atrai turistas ao transformar um espaço físico de livre circulação, sem distinção, em coisa de paladares finos. Em terra de Vaticano e Coliseu, o Rigatoni alla Pajata simboliza a ascensão dos marginalizados. O Rigatoni alla Pajata dá visibilidade às massas. Comer Rigatoni alla Pajata é um ato político.

Certo dia, o rio Tibre perdeu a cabeça. Tio River não, rio Tibre! Ele ficou fora de si. Explodiu, rugido. Ele percorre toda a gente, que, com a sua reação, ficou um pouco louca também. O Tibre floodou. O Tibre é quase um tigre. Em Roma, é masculino e das selvas o rio de tudo o que está aqui. Nada de maternidades. Ele é masculino, o Tibre impõe-se, é determinado em sua rota, assertivo em seu papel hidrossocial. E quando ele explode, não poupa ninguém. Sempre está sujeito a cheias imprevistas. O Tibre é escandaloso e brutal. Invade aos berros, submerge os mansos. Ele teve dois bebês em seus braços e logo se livrou deles. Ele não tem a menor paciência. Ele não quer se envolver. Acha um saco ter uma cidade do lado de fora de suas margens, cidade sedenta. Ele está farto, energética e fisicamente. É muita gente chata ao seu redor. Uma gente que não para de falar. Eu vi todo mundo correr no dia em que ele deu vazão à sua cólera. Vi todo mundo chorar, o que piorou a desgraça. Resultou em uma somatória indesejada de líquidos. O rio já estava soterrado por tantas exigências humanas. O rio já estava afogado, em um desgaste só por fornecer recursos de maneira descontrolada. Aí ele resolveu dar tudo de uma vez. Que cada um pegasse sua parte de água e o deixasse em paz, ao menos por uns tempos. Só que o rio perdeu a noção espacial, que já não era lá muito boa. Ele encheu de água a boca e os pés do povo. Bambaleou as estruturas de pedra. Protelou casamentos. Desmantelou outros. Adiou jantares e evitou que cordeiros fossem mergulhados no leite. Fez das mulheres ainda mais



ajoelhadas, dos rosários mais rosários. O rio Tibre não nega o sangue romano que corre em suas veias.

Donanna tem parte com Nero. Em Roma, todo mundo tem o rabo preso com ele. É como o nosso brasileiro "ter parte com o demo", só que com N e R no lugar de D e M. E um tanto mais glamouroso, mais Divine, mais romano. Para eles, as desgraças não podem ser discretas. É tudo Hollywoodiano. De blush marcado e toga solta, que deixa entrever as partes íntimas. Isso está nas raízes do povo, não tem como fugir. Está na fundação das edificações. Magda ia gostar daqui, especialmente pelo aspecto estético. Ricky se deu muito bem, especialmente pelo lado sensorial. Ele sempre teve parte com Nero, mais do que com o demo, embora não soubesse disso. Precisou vir aqui para descobrir, para revelar sua natureza. Nero cuida bem dos seus filhos dedicados, dos neófitos que no passar dos séculos propagam sua mensagem de desordem. É bom ser discípulo do rei do caos e com ele não criar casos maiores, ser uma cria dedicada. Discípulos de Nero adoram ver o circo pegar fogo, o grande circo romano. Tocam lira enquanto a cidade está em chamas, no sentido literal ou figurado. Eles lixam as unhas e dão uma assopradinha. Pensam na próxima conquista, em vinganças espetaculares, no que vai ter para o jantar ou como vão queimar os filmes de outrem. Algumas pessoas adoram queimar filmes e queimam-se uns aos outros. Postados frente a frente, fogueiras espelhadas. O movimento das chamas refletido em suas íris, como aquelas fotos com excesso de flash ou os efeitos de um filme B, de vampiros com sangue nos olhos. O excesso de tragédia força tanto o nosso peito em uma certa direção que resulta em uma emoção contrária, algo que a natureza deve estimular para o alcance de algum equilíbrio. Águas vindas de sangue, lágrima ou saliva providenciam a hidratação necessária diante de tanto fogo. Lavam a aura seca e trazem marés de cheias e ressacas. Luas inteiras para mulheres médias, sejam elas rainhas, diminutas ou escravas. Nessa época eu não sabia em qual categoria eu me encaixava. Ou se eu era todas elas. Ou outras três. Remexendo nas cinzas minhas, só tinha uma certeza: eu e Magda éramos duas, mesmo que eu não soubesse para onde isso ainda podia me levar. Pela primeira vez, pensei em fazer as malas. O teatrinho romano já tinha me cansado. Donanna nomeava-se dona das minhas horas, virei uma pandora aprisionada de sua caixa, porém sem surpresa, nem vontade. Ela submergia meus fogos em tarefas contínuas, em latrinas arrebatadas, pias de louças seculares lavadas no dobro do tempo, talheres de espelho intocados sob a pena de maldição eterna. O redemoinho descia pelo ralo, mas eu não queria ir para o buraco. E, se fosse, que acontecesse em meu país. Que ao féretro ao menos seja dado o direito de escolher a terra onde se deitará. No centro de Roma, era como se eu estivesse em pleno sertão, entre as fogueiras invisíveis que povoam os ares de janeiro. Chamas nas palavras, nas línguas, nas sílabas, nos varais. Nem com toda a água do Tibre haveria forma de aplacar tamanha força de natureza ígnea, com a qual eu desisti de lutar.

Cristina Judar é escritora e jornalista, autora das HQs Lina (Editora Estação Liberdade) e Vermelho, Vivo (Devir). Seu livro de contos Roteiros para uma vida curta (Editora Reformatório) recebeu Menção Honrosa no Prêmio SESC de Literatura 2014. Em 2015, durante uma residência artística com foco em literatura na Queen Mary University of London, deu origem ao projeto de prosa poética Questions for a Live Writing. Contemplado pelo ProAC de Literatura 2014, Oito do Sete é o seu primeiro romance, que será lançado pela Editora Reformatório em abril de 2017.

Máquina do Mundo

Mal súbito

O dia em que morri
era um dia comum
em São Paulo
Muita gente saía
para almoçar com
vale-alimentação
ou cartão de crédito
naquela terça-feira banal
Havia quem comesse
tempo e relatórios
afetos ou restos
nesta grande cidade
igualzinho acontece
em outras cidades assim

E eu interrompi a marcha
do tempo
às 12h36 de uma tarde
sem nada de especial
sem chuva nem vale
e com a barriga
vazia.

Lilian Aquino

** Este poema faz parte do livro Daqui, contemplado com Bolsa de Criação Literária do ProAC, publicado no fim de fevereiro pela editora Patuá.*

estou com você em rockland
(ou estava)
ou queria estar
sei lá.

me parece bonito
o que dizem
sobre os garotos da rua
de trás

Catarina Lobo

como roma como a ficha como o muro de berlim como lúcifer e a terça parte dos anjos como para trás como a bastilha como uma luva como de maduro como como de quatro constantinopla como diego hipolito como a casa como dilma como do cavalo como o balão aqui na minha mão como duro como como fora como collor como o palmeiras duas vezes como o boeing como do céu como no desespero como nixon como a chuva como na prova como a maçã na cabeça de newton como no esquecimento como no meu conceito como da graça como a pressão como o vestido na moça bonita como os muros de jerusalém como meus cabelos como hitler e o terceiro reich como na rotina como no sono como a moeda do bolso como livre como o world trade center como a união soviética como em si como de braço como as bombas de hiroshima e nagasaki como na gandaia como a bolsa como na real caí

Luiz Reanto Périco

1.
Uma zona da Lua é conhecida
Como
Mar de Chuvas

Onde pousou uma sonda
Chinesa

2.
Existe uma galáxia solitária

Wolf-Lundmark-Melotte
É única

Nunca interagiu
Como fazem as pequenas
Galáxias como ela

Elisa Sayeg

Signo

Descobri
no tecido do céu
uma constelação
para ti
e segredei
às estrelas
o nosso amor
para que teu sorriso
brilhe a cada noite
mesmo depois da nossa
vida
até esmorecer sereno
em cintilante supernova.

Caio Bio Mello

Casa- Barco

Estibordo
A solidez da calçada
se desfaz
em ondas salgadas
quando a porta se fecha
e balança:
dois pés hesitantes
no quarto-cabine

Ponte de Comando
O chiado
da vitrola antiquada
inunda a casa
e sobe a escada
tudo é valsa
ao som de um blues
a casa dança, ritmada

Conveses
Subida espiralada
contorcem-se
ligeiros degraus
entre sofás, sacadas,
redes, quartos,
e um gato, tudo
num só oscilar

Proa
Então, felina guinada
no convés
zéfiro azul
transatlântica
balada naval
sabor maresia

Ana Tereza Viana

Máquina

Pseudo tradução do poema XX de Neruda

Posso escrever os versos mais saudosos esta noite.

Escrever, por exemplo: "A noite está estrelada, quente,
e suam azuis os astros e ele - distantes"

Não há vento noturno que gira e canta.

Posso escrever os versos mais quentes esta noite.
Ah, como eu o quero e sei que ele também me quer.

Em noites quentes como estas estivemos entrelaçados
os braços - as línguas, as pernas.
Nos beijávamos e éramos o céu infinito.

Ele me quer e eu também o quero.
E como amarei tê-lo novamente sobre mim com seus
grandes olhos fixos.

Posso escrever os versos mais desejosos esta noite.
Pensar que eu o tenho. E que é distante, porém não
perdido.

Ouço a noite imensa, mais imensa hoje sem ele.
E o verso sai do corpo como suor brota na pele.

Que importa é que meu amor pode esperá-lo.
Ainda que a noite arda e ele não esteja comigo.

Isso não é tudo. Longe ninguém canta. Há distância.
Meu corpo não se acalma em tê-lo longe.

Ao buscá-lo por perto, meu olhar o escuta.
Meu tato o fareja, mas ele não está comigo.

A mesma noite que entumece os troncos
Nós, então, já não somos os mesmos.

Ah, como eu o quero, isto é certo, tanto quanto jamais
quis.
Meu gemido busca seu ouvido para ser um sopro
fresco.

Um outro. Não serei de outro. Como antes, hoje são
outros meus beijos.
Sua voz, seu corpo negro. Seus olhos fixos - com ele
sobre mim.

Ah, como eu o quero, isto é certo, nem sei o quanto
quero.
Tão curto alcance para tão longo desejo.

Porque em noites quentes como esta em não tê-lo en-
trelaçado entre meus braços - e língua, e pernas
meu corpo não se contenta em tê-lo distante.

Talvez porque esta seja primeira dor que ele - na
distância - me causa,
e porque estes versos são os primeiros que eu lhe tenha
escrito.

Matias Vale

Feito fruto caído na terra
Exalo o etileno que amadurece
Para apodrecer

Levanto os olhos a ela
Vazios como quem esquece
O que precisava fazer

Qual planária se reintegra
Cabeças miram norte e leste
Afetadas como quem não crê

Meus passos lodosos
Deixam a marca do pântano
Intransponível e imperfeito

Em meus vasos lenhosos
Não correm líquidos cândidos
Nem bate coração no peito

As banalidades que evoco
Talvez não provoquem espanto:
Cansei das frases de efeito.

Vitor Soares

Balada das Ressacas

É uma pena
Que ainda não desistiram
De reconstruir as muretas da orla
Realmente, uma pena
Que insistam em reconstruir as muretas da orla

E pergunto-me quantos
Pés aventureiros cobertos
Em teus olhos baços
Para desistirem das muretas da orla

E pergunto-me quantos
Deste ciclo tortuoso e insistente
De duradouro inverno
Para desistirem das muretas da orla

Ou mesmo, quantas
Ondas a molharem as pedras
Ou invadirem as ruas
Para desistirem das muretas na orla

Ou mesmo, quantos
Badalos misteriosos soarão
Da submersa catedral de Atlântida
Para desistirem das muretas na orla

Para quantos gigantes
Olharemos, a dormir no oceano
E engolir a areia da praia
Para desistirem das muretas na orla

Para quantos efêmeros
Vagando sob as luzes da praia
Queimarão ao tocar a luz
Para desistirem das muretas na orla

É uma pena
Que ainda não desistiram
De reconstruir as muretas na orla
Realmente, uma pena
Que insistam em reconstruir as muretas na orla

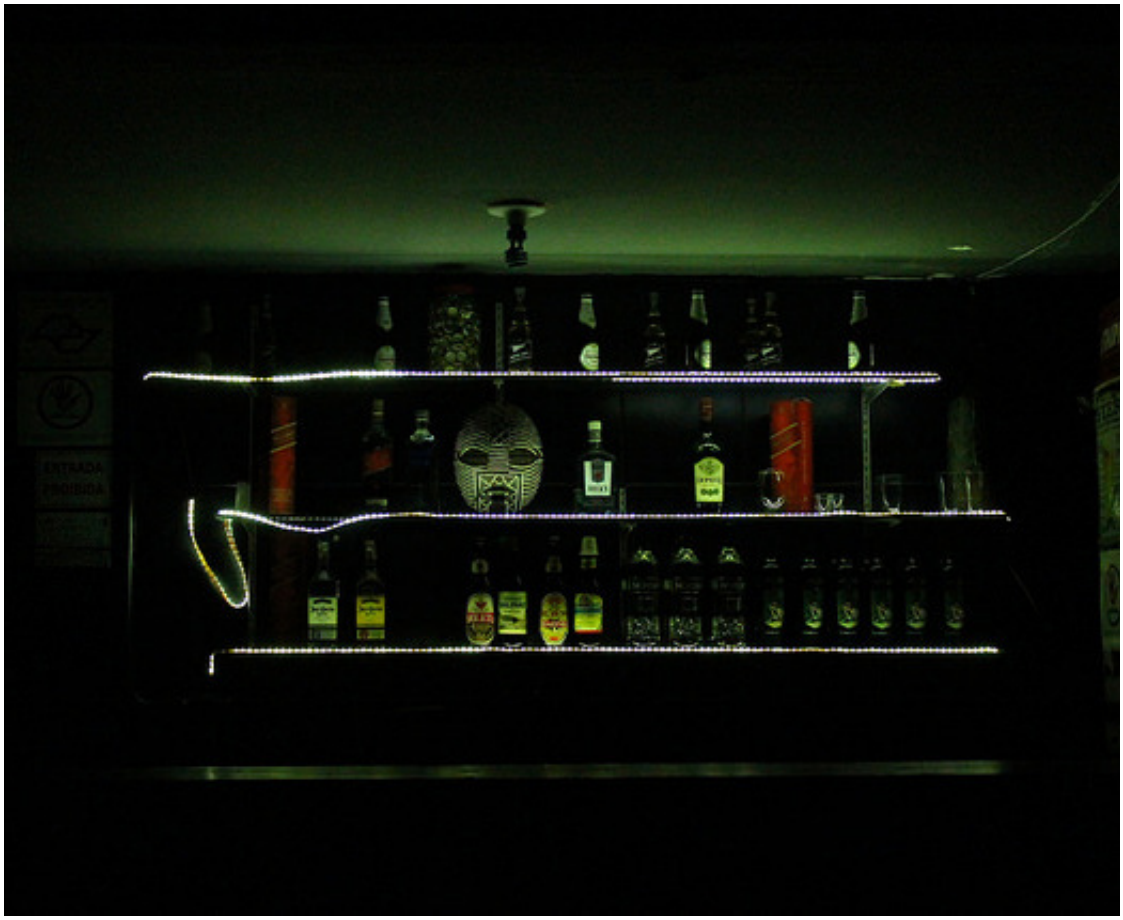
Caio Dib

do mundo

PARANGOLÉ

Fotografia & Pintura

Fabiana Won

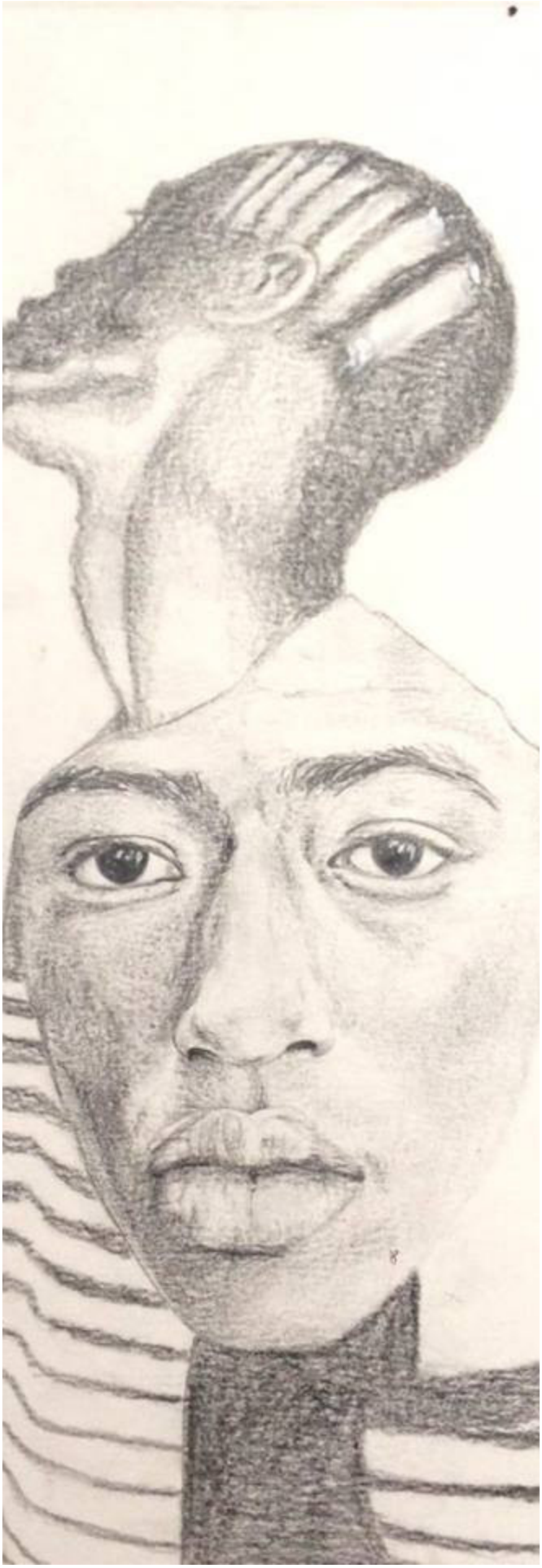


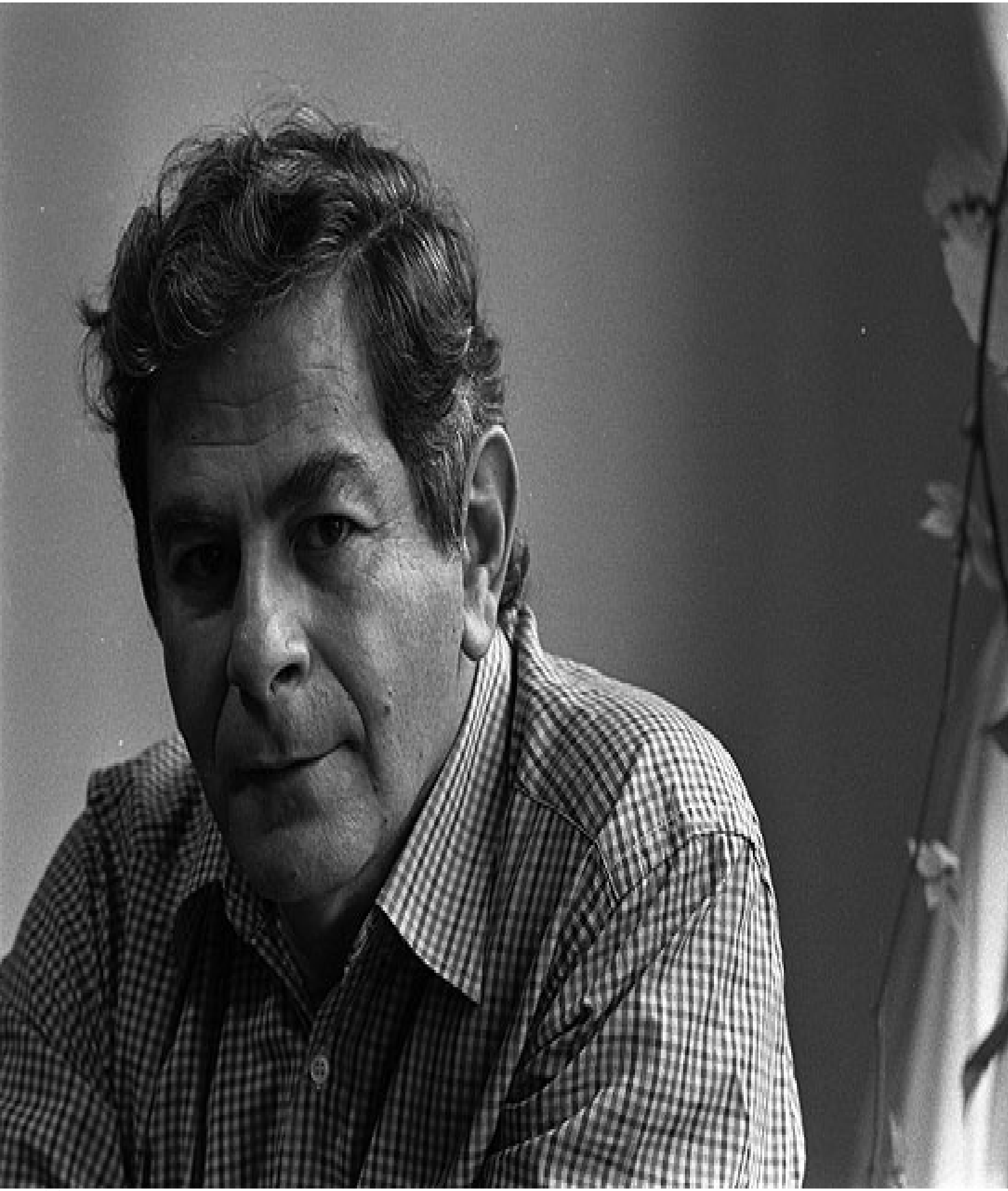
Luana Li

LCA-7326
Gabe Verissimo

Fabiana Won

Mariana Reyna





Raduan Nassar
uma tragédia contemporânea

por Cardeal Bombo

"Minha cabeça hoje fervilha com outras coisas, ando às voltas com agricultura e pecuária, procurando me enfronhar sobre tratores, implementos, formação de pastos, tipos de capim, braquiária, pangola, setária, humidícola"; a frase muito bem poderia ter sido dita por um agricultor comercial pindoramense, mas... não tem mas, é isso mesmo; Raduan Nassar nunca foi de dar entrevistas, coisa que não se reprocha, em sendo – convenhamos – jornalista um bicho chato (a propósito do tema, entre os adjetivos que o jornalismo consagra está primeiro o adjetivo "chato")

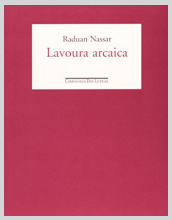
Quando no ano orwelliano Raduan afirmou, numa de suas raras entrevistas, que estava dando uma virada radical em sua vida, trocando a literatura pela agricultura, não se tratou de metáfora, como alguns foram supor, foi decisão literal, quer dizer, agrícola (o trocadilho é de Otavio Frias Filho, jornalista e, portanto, chato); de lá para cá, a pergunta que teima em ser efundida, por chatos e por todos, é por que Raduan Nassar abandonou a literatura; e por isso é de se esperar de uma revista que se avoluma emprestando o primeiro nome de sua maior obra que não seja chata ela também; não, este será um perfil batido a mãos dinâmicas e em dura disciplina, como devem ser as mãos de quem desabotoa as folhas de *Lavoura arcaica*, pois deste modo viva e irremissível é a experiência ao nos depararmos com os olhos no teto e a nudez dentro do quarto de André no desabrochar do romance: cabeça que rola entorpecida, cabelos que se deslocam em grossas ondas sobre a curva úmida da fronte e olhos que pouco apreendem; é o prenúncio da tragédia, e que se diga trágica a lavoura de Raduan não espelha inovação nem sequer aos olhos que nada apreendem de Édipo; sim, o trágico em *Lavoura arcaica* transcende seu sentido dúbio outorgado pelo nosso cotidiano: o protagonista André é um autêntico parente de Hamlet, Macbeth, Lear (para ecoar a bardolatria) – falta-lhe a mesura, a moderação: persegue o absoluto e esgota a potencialidade humana, apossando-se dos extremos, numa disputa interna colérica e ambivalente; é emancipatória a paixão consumada de André pela irmã Ana: sua união lúbrica faz evaporar as balizas injungidas pelo pai (pai que é pai-pai, pai-Deus, pai-Lei), faz decrescer o aguaceiro pesado de sua família, afinal não tem viço a vida sem paixão, a vida sem loucura, a vida sem transgressão; e o que se vai entrever contudo é que do mesmo modo a vida sem autoridade, a vida sem limite, a vida sem Pai é cláusula inconcebível, implica absolutismo e, no limite, solipsismo; e não à toa é recorrente a evocação dos olhos não só na *Lavoura* mas em toda a obra de Raduan Nassar: os olhos são a candeia do corpo, dizem enfim todos os pais e não só o de André, este André em colapso que, nu como veio ao mundo, na quimera de sua infância utópica, decompõe seu caule sem reserva, sem retraimento, sem rubor; eis o espetáculo trágico: decompor o caule...

de com por o cau le
d e c o m por o c a u l e
d e c o m p o R O C A u L E
d e c o p o u m C O L E R A
um copo *de* COLERA

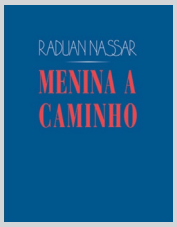
... *Um corpo de cólera* não bateu a linda plumagem para longe da lavoura: a linguagem jargônica e impaciente desta novela exemplar de Raduan constitui apenas uma nova casca, de cujo fruto encoberto se extrai um sumo de paladar conhecido: o regresso a um tempo sem áreas de penumbra – à zona escura dos pecados, sim-sim, não-não, vindo da parte do demônio toda mancha de imprecisão; um regresso, outra vez, fadado à ruína, vicejante tão-só na manipulação da linguagem; se não é a praxe também em *Menina a caminho*, se não desta feita pelo manejo obsessivo da palavra, pela sua ausência ou imprecisão: as reticências, as elipses, a narrativa intrincada que indica que há algo (o objeto satisfatório?) que não pode ser tocado – um *délire de toucher* de fazer inveja a Freud; e por isso tudo muito estreito, sem dúvida, o terreno desembaraçado a ser preenchido com um perfil que ouse imaginar-se à altura da láurea a que faz jus o ex-agricultor comercial pindoramense que figura entre os maiores escritores da cena brasileira contemporânea, não devendo ele continência a veredas ou estrela igualmente maravilhosas, mas, enfim, muito estreito tal espaço, já tomado por pastos, capim, arroz, milho, soja... razão pela qual este reles conselheiro, na crista de seu êxtase imediato, tão perto de colher a rosa branca do desespero, deve saber ouvir a voz do Pai e, à parte a fremência, esconder na calça seu sexo roxo e obscuro que o auxiliou a expelir este texto, afinal, como acredita ter lido em qualquer lugar, o gado vai sempre ao poço.

"Nesta sala atulhada de mesas, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom senso do mundo, aplicando-se em idéias claras apesar do ruído e do mormaço, seguros ao se pronunciarem sobre problemas que afligem o homem moderno (espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um tanto excluído), largue tudo de repente sob os olhares a sua volta, componha uma cara de louco quieto e perigoso, faça os gestos mais calmos quanto os tais escribas mais severos, dê um largo "ciao" ao trabalho do dia, assim como quem se despede da vida, e surpreenda pouco mais tarde, com sua presença em hora tão insólita, os que estiveram em casa ocupados na limpeza dos armários, que você não sabia antes como era conduzida. Convém não responder aos olhares interrogativos, deixando crescer, por instantes, a intensa expectativa que se instala. Mas não exagere na medida e suba sem demora ao quarto, libertando aí os pés das meias e dos sapatos, tirando a roupa do corpo como se retirasse a importância das coisas, pondo-se enfim em vestes mínimas, quem sabe até em pêlo, mas sem ferir o decoro (o seu decoro, está claro), e aceitando ao mesmo tempo, como boa verdade provisória, toda mudança de comportamento. Feito um banhista incerto, assome em seguida no trampolim do patamar e avance dois passos como se fosse beirar um salto, silenciando de vez, embaixo, o surto abafado dos comentários. Nada de grandes lances. Desça, sem pressa, degrau por degrau, sendo tolerante com o espanto (coitados!) dos pobres familiares, que cobrem a boca com a mão enquanto se comprimem ao pé da escada. Passe por eles calado, circule pela casa toda como se andasse numa praia deserta (mas sempre com a mesma cara de louco ainda não precipitado) e se achegue depois, com cuidado e ternura, junto à rede languidamente envergada entre plantas lá no terraço. Largue-se nela como quem se larga na vida, e vá ao fundo nesse mergulho: cerre as abas da rede sobre os olhos e, com um impulso do pé (já não importa em que apoio), goze a fantasia de se sentir embalado pelo mundo."

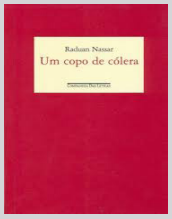
Texto extraído do livro "Menina a caminho", Companhia das Letras - São Paulo, 1997. pág.71.



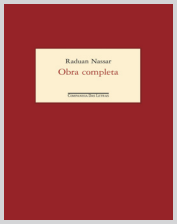
Um copo de cólera
Companhia das Letras
200 páginas | R$ 42,90



Menina a caminho
Companhia das Letras
96 páginas | R$ 28,00



Um copo de cólera
Companhia das Letras
88 páginas | R$ 34,90



Obra completa
Companhia das Letras
464 páginas | R$ 74,90

Entre realidades ficcionais e ficções absurdas: o novo livro de Ricardo Lísias existe

A Vista Particular é um livro particularmente cruel. Cruel por estabelecer situações e acontecimentos que se encontram embaraçados entre o ridículo e um horror tão escancarado que também acaba se tornando ridículo. Ainda assim, não é um livro que faz rir. Seu efeito se aproxima mais de um sorriso envergonhado e cúmplice: envergonhado por sabermos que o que se passa deveria nos fazer chorar, e cúmplice por nos fazer sentir que, não fosse nossa atenção ao espetáculo, nada daquilo estaria acontecendo. E não está: é só um livro. Mas, para entender boa parte da obra de Ricardo Lísias, temos primeiro que aprender que, nos livros deste autor, a obra se incorpora na narrativa do que convencionamos a chamar de 'real'. E, nesse quesito, A Vista Particular o faz muito bem. Não se parece apenas com um livro.

Dividido em cem capítulos separados em dez partes, cada qual com uma introdução em se fragiliza separação entre narrador, autor e personagem, o ponto alto da obra com certeza é em seu enredo. Os toques estilísticos, quando aparecem, são pontuais, e perceptíveis o suficiente para se destacarem da narrativa, ainda que não de uma forma em que esta pareça fragmentada. Especial destaque à utilização de discursos baseados e gerados na no bojo das mídias digitais e redes sociais. Ainda assim, nada que surpreenda em 2016. Desta forma, não diria que A Vista se encontra naquela gama de livros contemporâneos que prezem pela forma diante do conteúdo. Inclusive, o autor parece se desculpar pelas diminutas alternâncias estilísticas na obra, e por ter escrito um "romance de enredo", ao afirmar mais de uma vez que o livro não é um "romance do século XIX". Faz questão, então, de destacar o caráter contemporâneo da obra, o que, no fundo, se torna desnecessário: o leitor não questiona essa característica em momento algum. É impossível fazê-lo. Se é possível resumir a obra em uma palavra, essa seria "atual".

É possível dividir a obra em duas partes. Na primeira, nos é introduzido José de Arariboia, jovem artista plástico carioca, recluso, enigmático e em ascensão. Todas as atenções se voltam a ele em um dia em que, desviando-se do curso normal de sua caminhada, sobe a favela Pavão – Pavãozinho, e desce a rampa do morro nu, dançando como em um transe em direção à Praia de Copacabana. Ao longo do percurso, vários curiosos se unem a ele e, tantos outros gravam a performance, transformando a dança frenética em uma espécie de cortejo fantástico liderado pelo artista, bailando até o mar. O acontecimento se torna uma sensação nas redes sociais, com vários vídeos no YouTube documentando a caminhada. O melhor dos vídeos é o de Biribó, chefe do tráfico do morro com pretensões de cinegrafista, ligado às novas tecnologias e ao poder de divulgação da internet.

Após certo tempo afastado do público, Arariboia contata Biribó, propondo uma parceria artística entre os dois a qual tem como base da obra a favela e seus habitantes. E aí começa a segunda e, mais, chocante parte da obra. O artista monta uma exposição que conjuga o espaço geográfico da comunidade e seus habitantes e tem em seu centro a realidade brasileira das populações pobres do Rio de Janeiro em seu dia a dia. Ele, em resumo, expõe uma favela: suas contradições, belezas e movimentos. Como uma obra de arte. Tudo isso transmitido pelo YouTube, usando das instalações e expertises de Biribó. O sucesso é imenso.

Daí em diante o romance mergulho numa corrida entre realidade e ficção. Qual das duas é mais absurda? No final da obra, chegamos à conclusão de que não há ganhador certo: a ficção e a realidade não possuem distinção clara o suficiente para determinarmos um vencedor. O projeto estético de José de Arariboia começa a sair de controle (apenas para o leitor, já que o idealizador da exposição insiste que tudo o que ocorre é para fins artísticos) e as consequências da obra vão se tornando cada vez mais aterradoras e, consequentemente, mais afundadas na consciência do expectador. E nada do que acontece parece sair da lógica do romance, que, de maneira perversa e inteligente, espelha a lógica do mundo real.

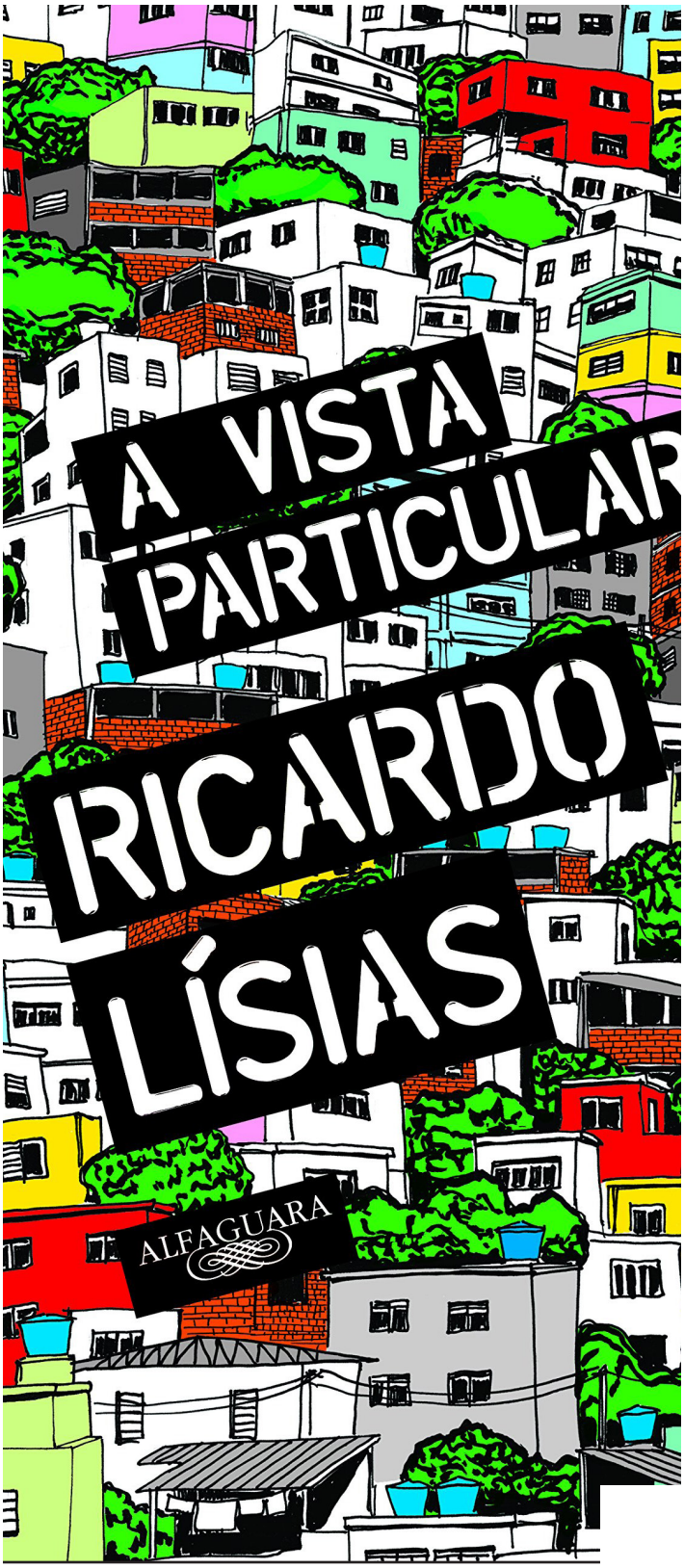
O autor faz com que o livro inteiro seja permeado por uma sensação de realidade: menciona diversas personalidades da intelectualidade brasileira contemporânea (Vladimir Safatale e Luiz Fe-

lipe Pondé discutem a obra do artista e seu sigificado), se vale de fatos recentes, como os Jogos Olímpicos de 2016, e sua repercussão no desenvolvimento do enredo, e utiliza os discursos das redes sociais (o mencionado único ponto estilístico que se integra de forma fundamental na narrativa) para integrar o absurdo do que acontece. Essa atualidade marca a narrativa da obra: o enredo não se revolve em torno dos personagens, mas em volta do mundo que os compõe e é composto por eles. As personagens, em particular o protagonista, não parecem ser dotadas de muito mais uma força motriz necessária para o desencadeamento dos fatos e, além de uns poucos traços característicos e passagens de introspecção (curtas, diga-se), as personalidades dos envolvidos na trama compõe apenas os elementos necessários para que as coisas aconteçam. É um livro sobre a sociedade e suas respostas a determinados fatos sociais. E não são poucas as discussões do livro. Falar que ele se trata da espetacularização da pobreza, do frenesi midiático das redes sociais, da violência e desigualdade social do país, do distanciamento de consciência entre o que é o real e o mero espetáculo, e das fronteiras tênues entre o absurdo e o cotidiano, o aceitável e o reprovável, a arte e a realidade, ainda parece uma simplificação do poder narrativo, da potência de questionamento e da impressão de verossimilhança que o livro produz em quem o lê. O livro, coerente com a obra que Ricardo Lísias nos vem apresentando, e comprometida com um projeto literário do autor, qual seja, o de usar a ficção como escada para as possibilidades da realidade e seu absurdo, parece ser uma guinada menos pessoal e mais social de seu trabalho.

É uma das obras mais complexas lançadas nos últimos anos do país, e não é nada menos do que se podia esperar de Ricardo Lísias. Ainda mais para aqueles que acompanharam a trajetória tragicômica do inquérito policial (real) que seguiu seu e-folhetim Delegado Tobias¸ pautado em alegações estapafúrdias de falsificação de documento público, já que autor emulou um inquérito policial em sua obra. É a esse tipo de poder de quebrar a barreira entre arte e realidade – e, nesse caso em específico, de alterar a realidade pela ficção – que somos expostos no romance. A única falha mais aparente seria o final: a obra entra em um fluxo tão frenético e tão surpreendente que se cria uma expectativa para a conclusão que não parece ser correspondida. Ou talvez a intenção do autor fosse essa, tão sutil que dialoga com a riqueza de seu conteúdo? O que mais poderíamos esperar do mundo criado-representado pelo autor? Ficamos quase na expectativa de que algo muito, muito pior ocorra ao final. E, exatamente por isso, somos tão parecidos com os espectadores do espetáculo criado por José de Arariboia.

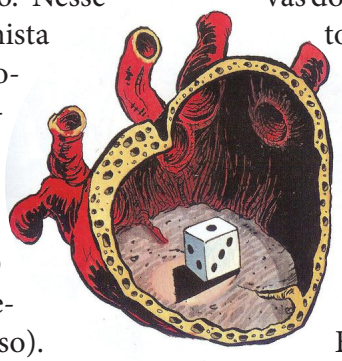
.

Arthur Lungov Bugelli é autor do livro de poesias "Luzes fortes, delírios urbanos" (Patuá, 2016) e membro do conselho editorial da revista Lavoura. Já foi publicado em revistas e antologias literárias.



A sensibilidade como obrigação social em Lourenço Mutarelli

Lourenço Mutarelli é detentor de uma capacidade extremamente versátil e habilidosa de imergir em alguns dos temas mais batidos da literatura contemporânea – o íntimo de uma existência desgastante e ensandecedoura, a tibieza das relações humanas, o dia a dia miserável dos centros urbanos, entre outros. Assim, o leitor desatento pode subestimá-lo sob a justificativa de que ele é apenas mais um a versar sobre uma temática usual ou um quadro "repetido", quando, na verdade, o autor guarda a sua principal virtude em um outro aspecto: a sua habilidade inovativa na maneira de apresentar um determinado tema, ainda que esse tenha sido já bastante frequentado. Nesse sentido, o escritor e antigo quadrinista paulistano é munido de um estilo heterodoxo, tendo em mãos instrumentos muitas vezes inusitados para a prosa mais convencional: roteiros de cinema (Miguel e os demônios ou Nas delícias da degraça), a presença de quadrinhos (O grifo de Abdera) ou ainda a linguagem teatral (O natimorto: um musical silencioso).



Diante disso, o título em específico Nada me faltará (2010, Companhia das Letras) nos permite ter uma boa noção dessa habilidade do autor, bem como de sua grande capacidade de conduzir enredos envoltos pelo mistério. A obra, que é narrada apenas por meio de diálogos entre os personagens, conta a história de Paulo, um homem que desaparece junto da filha e da esposa após saírem em uma viagem de família. Depois de um ano, o protagonista reaparece na frente de seu prédio sem lembrar-se de absolutamente nada. A história então nos apresenta uma investigação com o intuito de reconstituir e de descobrir os eventos e relatos que envolvem tal acontecimento, bem como a luta pela readaptação social de Paulo ao seu dia a dia convencional.

É justamente aí que o brilhantismo da obra é revelado: Paulo sente como se nada houvesse de fato acontecido. Conforme a descrição do próprio protagonista, é como se em um dia estivesse tudo em plena normalidade e no dia seguinte ele chegasse em sua casa e todos dissessem que ele havia desaparecido por um ano, bem como sua esposa e filha. Tal situação é ainda agravada pelo fato do personagem ser incapaz, dessa forma, de sensibilizar-se pela situação na mesma intensidade que as pessoas de seu convívio: a longa espera e animosidade dos amigos, da mãe ou daqueles que com ele conviviam não é respondida por Paulo que permanece apático, justamente porque em sua perspectiva não houvera uma grande ruptura em seu cotidiano comum.

Essa atitude de Paulo começa a ser agressivamente rechaçada por todos à sua volta. Diante de uma ânsia de que ele responda intensamente aos sentimentos e expectativas dos outros, se torma um dever fortemente imposto de que ele sinta falta por sua mãe ou por seus amigos na mesma medida que esses sentiram durante o tempo de seu desaparecimento, de que ele se desespere o tanto quanto os outros se desesperam pela volta de sua esposa e de sua filha, de que, em suma, ele se mostre de certa forma mais "humano".

Entretanto, ele é incapaz de tudo isso. Não conseguindo readaptar-se à vida pacata que ele vivia ou atender às expectativas que a ele eram impostas por aqueles ao seu redor, Paulo começa a ser tratado progressivamente de uma maneira rancorosa e uma cisma começa a pairar sobre a sua imagem, o protagonista passa, também, a duvidar de sua própria sanidade mental e a ser envolto por um sentimento psicótico de perseguição. Assim, o protagonista passa a ser o principal suspeito do desaparecimento de sua filha e de sua esposa e é visto como detentor de um ar de monstruosidade e frieza pelas pessoas que o cercam.

É conduzindo esse suspense que Lourenço Mutarelli faz uma série de inflexões seminais de maneira extremamente criativa: qual é a força motriz que motiva e sustenta as afinidades humanas? Seria ela uma mera convenção, sem qualquer vínculo real, ou seja, apenas uma expectativa social a nós imposta? O cumprimento dessa expectativa possui alguma racionalidade ou justificativa sincera?

Mutarelli parece ter uma perspectiva um tanto quanto negativa para essas ponderações.

O desenho de Paulo e dos outros personagens que o cercam revela que, WWWmuito antes de uma real sensibilidade emocional pelos diversos fatores e experiências que nos rodeiam, possuímos uma obrigação vazia – mas nem um pouco menos coesiva –, de sustentar vínculos e manifestações sociais majoritamente ocas.

Paulo vive ao longo do livro uma vida estável e medíocre, onde as personas tomam o controle sobre a existência e vontades individuais e íntimas de cada um. Muito mais relevante do que possuir um sentimento ou impressão sinceros no seu íntimo, é que esses, mesmo que esvaziado se tornem públicos, sejam notórios, sejam quase que cinematográficos. Isso tudo ainda é reforçado pelo modo que se conduz a narrativa apenas por meio dos diálogos entre os personagens, onde prevalece a mera impressão ou opinião sobre o outro em detrimento do conhecimento ou a sua busca no interior de cada indivíduo.

Ademais, a imposição de modelos e padrões engessados como sendo aqueles culturalmente válidos de felicidade pelo esquema de produção econômica prevalente se torna elemento essencial para o completo esgotamento das afecções e afinidades humanas. Paulo, vivia antes do seu desaparecimento, uma vida modelo: casado, com uma filha, alguns amigos de infância, outros de trabalho, uma mãe viúva amorosa e um emprego estável. Entretanto, após o desaparecimento, muito além de simplesmente parar de mascarar sua apatia, ele começa a se questionar sobre o cotidiano "perfeito" que servia como pedra basilar para a sua suposta felicidade. Paulo passa a se questionar sobre real gratificação que seu emprego de escritório lhe provia, sobre a existência de um real motivo para a manutenção do seu casamento, sobre se as suas amizades mais antigas ainda mantinham uma razão real de ser ou, ainda, sobre a existência de um amor sincero por sua esposa, por sua filha ou por sua mãe.

Nada me faltará, dessa forma, se trata de uma obra ímpar, onde se pintam questionamentos comuns da literatura contemporânea e, até mesmo já presentes na vasta obra do próprio autor – como o existencialismo, a vida urbana, a falsidade dos relacionamentos humanos –, com tintas inteiramente novas. Como já fizera em O cheiro do ralo ou ainda na sua célebre história em quadrinhos Diomédes, Lourenço Mutarelli retrata de maneira precisa o subproduto indesejado da sociedade contemporânea, o homem-vazio, o homem que atingindo ou não os padrões sociais de sucesso ou de felicidade permanece oco, ou, no mínimo, anestesiado contra a realidade que o cerca.

Arthur Sadami

LA LA LAND
Cantando Estações

La La Land é um daqueles raros filmes que te conquistam logo nos primeiros minutos, não apenas por sua impressionante sequência inicial, rodada em plano-sequência num engarrafamento em uma via importante de Los Angeles, mas também por começar com a mensagem "Apresentado em CinemaScope" (o formato widescreen mais utilizado nos anos de 1950). Isso serve logo de cara para determinar o tom do filme: uma singela e nostálgica homenagem aos musicais da Era de Ouro de Hollywood.

Escrito e dirigido por Damien Chazelle, o longa conta a história de Mia (Emma Stone), uma barista numa cafeteria dentro do estúdio da Warnes Bros. Que, entre um café e outro, realiza testes com o sonho de se tornar atriz, e Sebastian (Ryan Gosling), um pianista que sonha em abrir seu próprio clube de jazz. Os dois se apaixonam e devem conciliar o amor que sentem um pelo outro com seus respectivos sonhos. A trama é bem simples, pois é um filme muito mais focado em atmosfera do que em resolver conflitos. A trama é simples, mas é contada de uma maneira visualmente impressionante.

A fotografia de Linus Sandgren se utiliza de cores vibrantes, emulando não apenas o velho Technicolor, mas também a intensidade dos tons retratados no clássico francês Os Guarda-Chuvas do Amor, de Jacques Demy. Aliás, referências são o que não faltam. Chazelle soube rechear o filme com elas, sempre de maneira orgânica, nunca soando como se o diretor quisesse apenas exibir seu conhecimento cinematográfico. Elas são um dos componentes do caráter nostálgico que permeia toda a projeção.

O design de produção é competente ao diferenciar os apartamentos de Mia e Sebastian. Enquanto o dela tem cada parede de uma cor (novamente uma referência ao filme de Demy) e vários pôsteres de filmes, o dele apresenta um único tom de bege, representando sua mente focada no jazz, o qual só é quebrado com a chegada de Mia, quando uma forte luz verde vinda da rua invade o local, numa clara alusão a Um Corpo que Cai.

A direção também impressiona. Apesar de ter apenas 31 anos, Chazelle faz tudo com extrema segurança, principalmente nas sequências de dança. Utilizando-se de poucos cortes e deixando a câmera fluida, é como se ela dançasse junto com os atores. Os números musicais, apesar de não serem muito elaborados, são muito bem executados e muito honestos em relação às habilidades dos atores, pois Ryan Gosling não é nenhum Gene Kelly e Emma Stone, nenhuma Judy Garland.

O que nos leva aos protagonistas, que contribuem para o charme do filme. Ambos são atores muito carismáticos que conseguem criar uma forte conexão com o público, agregando muito ao roteiro e causando grande emoção com o drama do casal. Stone é o grande destaque, se mostrando uma grande cantora e conferindo peso dramático a Mia, tanto nas frustrações com a busca pelo seu sonho, quanto nas decisões que ela toma em relação ao namoro com Sebastian.

E, completando tudo, vem a deliciosa trilha sonora. Compostas por Justin Hurwitz, Benj Pasek e Justin Paul, as canções dão um caráter quase que mágico ao filme, seja nos momentos mais grandiosos, como a cena de abertura, ou nos mais intimistas, quando Mia canta em seu último teste.

Inteligente por ter um pé na década de 50 e outro em 2017, o filme cria uma história de amor envolvente e bem mais realista do que os musicais clássicos, pois as escolhas profissionais dos protagonistas afetam o seu relacionamento, mas sem abrir mão da sensação de doçura e escapismo que existe nas velhas produções em Technicolor.

Lucas Santinho

Eu, Daniel Blake

Se há uma palavra que pode descrever o novo filme de Ken Loach esta é: humano. Vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes de 2016, o longa é um clamor contra a impessoalidade e a burocracia do serviço social britânico.

Daniel Blake (Dave Johns) é um carpinteiro de Newcastle que, após sofrer um ataque cardíaco, é proibido por seus médicos a voltar a trabalhar. Porém, ao tentar conseguir um benefício por questões de saúde, este lhe é negado, pois a situação dele não cumpria todos os pré-requisitos. Sua outra opção é tentar o seguro desemprego, mas para isso, ele é obrigado a sair a procura de emprego, mesmo não podendo trabalhar. Ele, então, decide tentar um recurso da decisão inicial e enfrentar a complicada burocracia do serviço público britânico. Ao mesmo tempo, ele conhece Katie (Hayley Squires), uma mãe solteira com duas crianças, que acaba de ser realocada pelo governa para a cidade de Daniel e que também está sofrendo com a falta de dinheiro e o serviço social. Eles se tornam amigos e ele começa a ajudá-la a cuidar dos filhos.

Como visto, é um prato cheio para um melodrama e, embora ele o seja em alguns momentos, o diretor conseguiu torná-lo em uma história pungente e realista, sem grandes exageros. Isso se deve, em grande parte, à direção discreta de Loach. Com pouquíssimos movimentos de câmera, o diretor deixa que a trama se desenvolva sozinha diante dos espectadores, sem chamar a atenção para si mesmo. A fotografia também é competente nesse sentido. Sem grandes jogos de luzes e cores, ela dá uma grande sensação de realidade ao filme. Ainda, o longa tem um pé no Neorrealismo Italiano, pois foi basicamente filmado em locação, dando mais realismo à produção.

O que foge um pouco a essa regra é o roteiro. Escrito por Paul Laverty, ele recorre ao melodrama em alguns momentos do filme, o que acaba destoando do resto da produção. Por exemplo, em certa hora, Katie está recebendo alimentos em um centro de distribuição de cestas básicas e, em um ato de desespero, abre uma lata e começa a comer, pois estava há dias sem se alimentar para poder dar de comer às crianças.

Mas o filme não seria o que é se não fossem as atuações, principalmente a de Dave Johns, que vive um homem simples e comum em um momento de crise. Não há grandes explosões dramáticas, nenhuma crise de choro ou desespero. Daniel Blake é um homem que enfrenta seus problemas com firmeza e serenidade. Sendo Johns um comediante de stand-up, ele traz leveza e naturalidade ao personagem, e até alguns momentos de humor, mas também traz o drama na medida certa. Por isso, a cena em que o Blake tranquilamente faz uma pichação na parede do prédio do serviço social é tão impactante: mesmo em seu momento de maior revolta, ele age com serenidade, apesar de seu sofrimento ser evidente.

Hayley Squires também faz um belo trabalho como Katie, a despeito dos problemas do roteiro. A atriz imprime uma fragilidade à personagem, que esta tenta esconder e tira uma grande performance mesmo nos momentos de exagero. Embora termine de maneira bastante previsível, Eu, Daniel Blake é um filme importante. Em tempos de avanço neoliberal, em que o governo tem a intenção de cortar gastos social, a obra de Ken Loach serve como um lembrete de nossa humanidade, de que devemos pensar nas pessoas como pessoas, não como números no sistema, não como mais um gasto no orçamento público.

Dez registros para dez décadas de samba

Em novembro de 2016, o Brasil comemorou os cem anos do samba enquanto gênero musical. Nesta primeira colaboração, escrevo uma espécie de retrospectiva do estilo. Não é demais lembrar que a história não é linear, e que esta forma de retrospectiva, por "marcos", jamais poderia retratar, com fidelidade, a complexidade dos processos históricos de formação da arte e da cultura nacionais, nem esgotar a análise. Ainda assim, acredito que possa ser um bom formato para um breve passeio pela história deste gênero musical que tanto nos fascina desde o século passado. Aproveitemos a viagem.

1917 - Donga - Pelo Telefone

Pelo Telefone foi a primeira música registrada como "samba" junto à Biblioteca Nacional, em 1916 embora tecnicamente possa ainda ser classificada como maxixe. Donga foi um dos primeiros compositores do samba carioca, gênero moldado nas festas ocorridas na casa da Tia Ciata, cozinheira e mãe de santo, em que se reuniam antigos músicos como João da Baiana, China, Tute e o próprio Donga.

1929 - Sinhô - Jura

A década de 1920 pelo surgimento da "Turma do Estácio", formada pelos icônicos Ismael Silva, Bide, Marçal, Brancura e outros, que aboliram o estilo "amaxixado" do samba de Donga e instituíram o samba ritmado com surdo, cuíca e tamborim. Esse grupo também foi responsável pela fundação da Deixa Falar, a primeira escola de samba brasileira, bem como pela consolidação do samba enquanto gênero musical. Sinhô também foi um compositor muito importante da época. Conhecido como o "rei do samba", trouxe ao mundo canções como "Quem São Eles", "Fala Baixo" e "Jura", sucesso que foi regravado diversas vezes, inclusive por Zeca Pagodinho.

1934 - Noel Rosa - Feitiço da Vila

Destaca-se, na época, a "polêmica" travada entre WIilson Batista, iniciante, e Noel Rosa, que, apesar de jovem, já era compositor já consagrado. A disputa, que envolvia ideologia e também entreveros amorosos, deu-se pela troca de composições entre os litigantes, resultando em quase dez canções. Também destacaram-se as gravações de sambas por cantores populares como Francisco Alves, Silvio Caldas e Orlando Silva.

1947 - Dalva de Oliveira - Segredo

Os anos 1940 ficaram conhecidos como a Era de Ouro do Rádio. Num contexto de expansão cultural e econômica de um Rio de Janeiro glamourizado, comandado pelo regime do Estado Novo, artistas como Orlando Silva (o "cantor das multidões"), Emilinha Borba, Isaura Garcia, Marlene trouxeram diversas canções românticas às rádios Nacional, Mayrink Veiga e Cruzeiro do Sul. Dalva de Oliveira é a cantora mais célebre dessa época. Teve uma carreira incrível no rádio, com o Trio de Ouro, e, também em solo, após a separação de Erivelto Martins. Segredo é uma das mais marcantes canções de seu repertório, cujo sucesso durou até os anos 1970. Destaca-se, também, na época, ascensão de Carmem Miranda ao estrelato internacional e a consolidação de Ary Barroso como compositor, locutor e apresentador.

1958/1959 - Elizeth Cardoso - Chega de Saudade/ João Gilberto - Chega de Saudade

Decidi incluir duas gravações da mesma música para ilustrar este período. A década de 1950 marca o auge do samba-canção enquanto gênero no Brasil. Artistas antológicos como Dolores Duran, Lupicínio Rodrigues, Linda Batista, Cauby Peixoto e Hebe Camargo encheram o país com suas canções caudalosas. Ao mesmo tempo, surgiu no Rio de Janeiro uma mistura que revolucionou para sempre os rumos da música brasileira: a bossa nova. As reuniões de intelectuais da classe média carioca fizeram surgir um gênero que misturava o samba tradicional com o jazz americano. Dois discos surgiram: "Canção do Amor Demais" (1958), de Elizeth Cardoso, e "Chega de Saudade" (1959) de João Gilberto. Os dois registros da mesma música, de Elizeth e de João, ilustram perfeitamente a revolução musical iniciada nos anos 50: a gravação de Elizeth, seu canto no estilo brasileiro, com a voz empostada, os sopros potentes e o acompanhamento tradicional contrapõem-se ao baixo e bateria, ao cantar macio e ao violão suingado de João, que mudaram para sempre o jeito de se cantar e fazer música no Brasil.

1964 - Nara Leão - Opinião

Os anos 1960 foram influenciados pelos desdobramentos inesperados dos rumos da bossa nova. Mesmo após a exportação do estilo para o mundo todo - Garota de Ipanema é a música brasileira mais gravada e reproduzida de todos os tempos - uma cisão interna no movimento propiciou a reaproximação com o samba do morro que resultou em novas misturas sonoras. O palco principal dessa fusão foi o restaurante Zicartola, no Rio de Janeiro, comandado pelo sambista Cartola e sua esposa, dona Zica. No local, ocorria o encontro grandes sambistas, como Dona Ivone Lara, Nelson Cavaquinho

e Zé Keti, com jovens promissores, como Paulinho da Viola e Elton Medeiros, além de nomes do jornalismo e das artes como Hermínio Bello de Carvalho e Sérgio Cabral e de cantoras de diferentes tradições, como Elizeth Cardoso e Nara Leão. Considero que "Opinião" é a síntese dessa década: uma canção do morro, do bamba Zé Keti, interpretada magistralmente pela moderna, patricinha Nara Leão, parte do espetáculo político homônimo, resume bem o que significou a iconoclastia dos anos 60. A década foi marcada pelo golpe militar que instaurou vinte anos de ditadura e pelo surgimento de novos talentos como Chico Buarque, Geraldo Vandré e todos da Tropicália (aqui incluído o samba rock de Jorge Ben). Também é inesquecível o lançamento dos "Afro-Sambas" de Baden Powell e Vinícius de Moraes.

1974 - Cartola - As rosas não falam

Sou da opinião que os discos "Cartola" (1974) e "Cartola" (1976) são os melhores já feitos em toda a música brasileira. O cantor e compositor Angenor de Oliveira, fundador da Estação Primeira de Mangueira, célebre em todo o meio do samba, somente teve a oportunidade de registrar sua obra aos 65 anos idade, depois de tempos difíceis trabalhando como lavador de carros, e após a ascensão e queda do Zicartola. A demora, no entanto, foi compensada com uma obra antológica lançada pela Marcus Pereira Discos, com arranjos gloriosos de Dino 7 Cordas, num registro definitivo que se tornou um clássico instantâneo. No contexto geral, a década de 1970 foi possivelmente a melhor da música brasileira. Foi uma época generosa para o samba, com o florescimento de obras como as de Roberto Ribeiro e João Nogueira, do trio feminino Clara Nunes, Alcione e Beth Carvalho, do disco "Os Cantores da Lapinha" de Baden Powell e Paulo César Pinheiro, e do samba contemporâneo de João Bosco e Aldir Blanc.

1988 - Fundo de Quintal - O show tem que continuar

Uma leitura atenta desta retrospectiva revela, desde logo, que o samba sempre foi um estilo musical em constante evolução. A revolução sofrida nos anos 1980, no entanto, merece especial atenção. Foi no bloco carnavalesco Cacique de Ramos que artistas como Sombrinha, Jorge Aragão, Arlindo Cruz, Almir Guineto e Zeca Pagodinho, sob as bênçãos da madrinha Beth Carvalho, mudaram novamente o samba. Nas rodas de samba realizadas semanalmente no Cacique, foram introduzidos novos instrumentos, como o banjo-cavaco (criado por Almir Guineto), o tantã (criado por Sereno) e o repique de mão (criação de Ubirany) e foram compostas canções de andamento rápido e marcação forte. O Fundo de Quintal é o grupo mais representativo da época. O show tem que continuar, sua canção mais icônica, tem todos os atributos do samba do Cacique.

1993 - Só Pra Contrariar - Que se chama amor

O samba nem bem se acostumava com as mudanças trazidas pelo Cacique de Ramos quando, na década de 1990, deparou-se com uma nova revolução, a do pagode romântico. O termo pagode, já usado na década anterior para designar o estilo do Fundo de Quintal, passou a identificar um estilo específico de música, uma evolução do samba do Cacique de Ramos com influências da indústria fonográfica. Grupos como Só Pra Contrariar e Raça Negra trazem harmonias não tradicionais, letras e melodias adocicadas, arranjos modernos com teclados eletrônicos e uma forma "americanizada" de cantar,. Os grupos encheram as rádios e televisões, caíram muito rápido no gosto do público e lideraram as paradas de sucesso por duas décadas. O samba "tradicional" não ficou às moscas: foi lembrado por artistas incríveis como Marisa Monte. O disco "Verde, Anil, Amarelo, Cor-de-Rosa e Carvão" trouxe lindos registros de Dança da Solidão, de Paulinho da Viola, e Esta Melodia, de Jamelão.

2005 - Teresa Cristina e Grupo Semente - Meu mundo é hoje

A virada do século marcou o surgimento de um movimento de resgate do samba, sediado na Lapa, bairro boêmio em decadência que passou por um processo de recuperação. Jovens artistas como o Grupo Semente, Teresa, Cristina, Pedro Miranda, Nilze Carvalho, Casuarina e Diogo Nogueira, estudiosos e escolados na tradição do samba, revisitaram os grandes mestres e regravaram diversas de suas canções, numa tentativa de resgate da música dos interesses comerciais. O DVD de Teresa Cristina e Grupo Semente, e a gravação do clássico de Paulinho da Viola, é exemplo dessa geração primorosa, que segue, até hoje, tocando o samba como vanguarda, mas sem se esquecer de onde veio. Também nessa época a MTV presenteou o Brasil com DVDs ao vivo de Paulinho da Viola (2007) e Arlindo Cruz (2009), recolocando o samba no mainstream.

2012 - Casuarina - Murmúrio

A década atual tem sido marcada pela continuidade da evolução do samba e a retomada de trabalhos autorais de peso para o gênero. O grupo Casuarina havia ganhado notoriedade com o DVD "MTV ao Vivo" em 2009, em que apresentava inéditas ao lado de regravações e participações de gigantes antigos como Roberto Silva e Wilson Moreira. O CD Trilhos/Terra firme, de 2012, é o primeiro totalmente autoral do grupo, e contém quatorze faixas primorosas em termos de composição e arranjo.

Pablo Galleti Vieira, 24, bacharel em direito, servidor público e estudante de música. É apaixonado por violão de sete cordas, viagens baratas e sorveterias por quilo.

O escritor-não-publicado

— Chamai-me Isamael, Estevão, Esteves ou Es-TV e não atenderei. Não tenho nome, pois não sou nada, não existo. Sou incorpóreo, imaterial, quase-quimérico. Sou a pulsão recalcada do cruzamento imaginário entre uma estrela morta e uma xícara de café. Sou a vertigem de papéis avulsos estéreis descrevendo o movimento do Uróboro. Sou a epiglote de uma cacatua da Nova Guiné. Sou, enfim, um escritor-não-publicado. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos de vagabundo. Sim, porque imagine só você alguém que, aos vinte e poucos anos, interpelado sobre o que faz, tem por resposta "Eu escrevo". É vagabundo, pois não. Mas vagabundo tem sonho, sim senhor, porque é isto que foi decidido em algum momento no Gênesis, ainda que a prepotência do mando diga que meu lugar é (n)o Levítico. Tenho eu minhas opiniões, tenho sim, e farei uso deste espaço para lançar algumas delas.

De tudo o que há de mais estranho no mundo, nunca fui entender duas coisas: gente que sente tesão por pé e o tamanho do atum. Podolatria ou atumensidão, nenhuma dessas modalidades porém é mais perniciosa e tremebunda que youtuber-best-seller. Final de agosto passado, despertando de sonho inquietante em que era derrotado por um youtuber em um concurso literário, tal foi o abalo que dei por mim na cama visitado por uma apendicite. Padeci dez dias no hospital e perdi a 24ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo. Minha mãe não achou ruim: dez dias de hospital era uma ocupação mais palpável que dez dias de Bienal – a rima não é proposital. Durante minha estância hospitalar, inferi dois axiomas: um, mães são complexas; e dois, youtubers-bestsellers são o apogeu da modernidade líquida. O conceito é do sociólogo Zygmund Bauman, falecido no começo de janeiro, e que significa algo mais-ou-menos-assim: vivemos tempos em que peido sustenido vira Tom Jobim e caviar come sardinha e arrota geopolítica em dez vezes no cartão de crébito.

Tempos em que Mauricio de Sousa disputa – e perde, grife-se, perde – plateia com Kéfera e Clóvis de Barros Filho faz as vezes de Horácio para que PC Siqueira possa ser Hamlet. Dizem-me os amigos que isto não é coisa grande realmente prum bichinho se assanhar. Bichinho que não sou, assanho-me sem pudor: fico puto, perco o sono, tenho apendicite, desacato funcionário público, pulo catraca do metrô e brigo com mãe por causa de mistura.

Explico melhor. Em um fórum de jovens escritores, uma conferencista compartilhou a fórmula do sucesso: "O escritor precisa desenvolver um olhar mercadológico. O livro é um produto". Juju Baptista, que tem mais de 8 milhões assinantes em seu canal "JuJuBa", acaba de publicar seu quinto livro, o romance *teen* "Confissões de Amanda" (Editora Pós-Moderna, 2017).

O livro é um produto – durmam com essa. MBA em Literatura é a pós do futuro – Black Mirror errou feio em não falar sobre o tema. Tá louco, chamar livro de produto é coisa pra fazer raiva em querubim. Querem saber o que é um livro de verdade, um bom livro?

Um bom livro é uma lavoura, cujo amanho e cultivo é dado por outros bons livros, algo que decorre de um princípio que nos faz sempre estar conversando uns com os outros, recorrendo ao engenho alheio, seja para enrijecê-lo, seja para esvurmá-lo. O nome disto é diálogo. E é por isso que tento esmurrar o zé-bostuber que diz que não precisa gostar de livros e de literatura para escrever livros ele próprio, mas, incorpóreo-que-sou, meu soco se dissipa antes que se lhe alcance a face pelada. Meu soco, diz o zé-bostuber, é tão só "mimimi".

Ah, é inútil. Tem mais entusiasmo Prometeu a observar o comensal insaciável desconjuntar-lhe as vísceras do que eu enquanto pego em armas contra a Nova Ordem Literária Nacional. Sou como o judeu da barca: à toa. De que adianta vozear de onde ninguém pode me ouvir, enquanto há coqueiro dando coco no YouTube?

Quisera comer chocolates na Bienal, sem ou com camisa, pouco importa. Quisera alguns míseros pares de olhos conquistar. Quisera lavourar em um mundo de menos Raimundo, um mundo em que minha mãe lamenta minha apendicite. Quisera apenas, por um fugaz átimo que fosse, ser o companheiro de hora do cocô. Ou piriri — modernidade líquida, meus caros.

— ... mas... mas eu só perguntei o seu nome.

— É Marcos Roberto.

— Marcos Roberto, eu tinha algumas perguntas aqui, mas infelizmente nosso tempo está acabando. Não sei se você vai querer deixar seu canal para o pessoal se inscrever...

— Referiu um personagem de Cervantes: “Devemos aceitar o que é impossível deixar de acontecer”. Nada muito diferente do que falou Chaplin: “Há uma coisa tão inevitável quanto a morte: a vida”. É o que quis dizer também meu vizinho, o Juca, outro dia: “O jogo é jogado e o lambari é pescado”. Enfim, Heidegger diria que...

— Certo. Quer deixar o canal ou não?

— O canal é MacBeto. Instagram é macbeto, Twitter é marco_beto, Snapchat é macbeto. Se inscrevam, curtam, compartilhem, sigam e adicionem, galera.

— E tem ideia de quando será publicado seu primeiro livro?

— Talvez no próximo mês ou no outro. Já está pronto há dois anos, mas estou esperando chegar a cem mil inscritos no YouTube, sabe como é.

André Balbo, 25, é autor do livro de contos “Estórias autênticas: importunâncias do engenho alheio” (a ser publicado pela Patuá em maio deste ano) e membro do conselho editorial Lavoura. Integrará uma coletânea da Oito e meio sob o mote "tabu", a ser lançada em julho deste ano. Foi trainee da Folha de S.Paulo, colunista e editor-chefe do jornal Arcadas. Tem dois vícios e uma virtude: Shakespeare, dicionários e mostarda.

Conselho Editorial:

Amanda S. Fernandes

André Balbo

Arthur Lungov

Arthur Sadami

Lucas Verzola

Capa:

Mariana Reyna